

Biblioteca Municipal Curvelo

QUINTA-FEIRA

5

OUTUBRO

1933

Alma Popular

Jornal republicano, literário e noticioso, defensor dos interesses do concelho d'Oliveira do Bairro e da região bairrada. radina

Propriedade da Empresa da «ALMA POPULAR»

Editor — Mário d'Oliveira da Silva Briosa

FUNDADORES E DIRECTORES

Dr. Manuel dos Santos Pato
Tiago A. Ribeiro

Redacção, Administração e Tipografia

OLIVEIRA DO BAIRRO

1918-1933

5 DE OUTUBRO DE 1910

Dois aniversários na mesma data

MAIS um ano de publicidade que conta a nossa *Alma Popular*.

Fechado o balanço anual de doutrinação republicana, feito em livro limpo, sem nódoas ou manchas que deslustrem o bom nome e o fim para que foi criado este jornal, vamos encetar um novo ano de propaganda republicana e defeza dos interesses do Povo, com a mesma fé e com a mesma tenacidade de há 15 anos.

Os nossos inimigos de sempre não desarmam. São toupeiras que minam o subsolo do nosso reduto, sem comtudo terem podido dominar ou fazer calar o fogo vivo da nossa bateria idealista. Tudo tem feito para nos derrubar, extinguir, matar, deixar de se publicar a *Alma Popular*. Não o tem conseguido, apesar de se servirem até de lugares impróprios para tão nefasta combatividade. O que lamentamos é que os maiores inimigos da *Alma Popular* sejam filhos deste concelho. Estão no seu direito, esses conhecidos morcegos, de não quererem assinar este jornal; porém, o que nada há que justifique, é a propaganda de sapa, de anonimato, contra o nosso jornal, o único que aqui se publica e que tem dado um nome honroso a este concelho. Esses reaccionários, nossos inimigos, não dizemos adversários, porque é ferozmente nosso inimigo quem pede, ameaça, intruja alguns ingénuos para que não nos leiam, para que devolvam a *Alma Popular*, servem-se, como dizemos, do anonimato e do repelente papel de delatores para ver se conseguem o nosso silêncio. Quanto mais redobram de actividade essas asquerosas criaturas — meia dúzia — para nos aniquilar, mais admiramos a atitude levantada e coerente do desditoso Padre Acureio Correia da Silva, prior que foi de Sangalhos e filho deste concelho, que, até á morte, foi um nosso ledor, assinante e algumas vezes colaborador — tratava-se de um jornal da sua terra, dizia — apesar das ameaças, setas atiradas por alguns daqueles reaccionários de que vimos falando.

Presentemente não podemos ser mais concretos. Mas, comtudo, confiamos no tempo — bom tempo que há-de fazer germinar a semente do reflectido bom senso, e então se provará a razão do estúpido e cretino combate que, no fundo, é para atingir a Democracia e a Republica.

Ter balança, haver mercadoria para pesar, mas não se fornecendo ao caixeiro os pesos necessários, decerto que os nossos inimigos não que-

Passa hoje mais um aniversário da gloriosa e sempre lembrada data da proclamação da República — 5 de Outubro de 1910. Foram incansáveis os precursores do 31 de Janeiro, continuando, não desanimando, na sua propaganda do ideal republicano, até que, finalmente, na risonha madrugada de 5 de Outubro, militares e civis, comungando no mesmo pensamento, nas mesmas doutrinas, implantaram a República. Houve heróis, morreram no campo honrado da luta irmãos, filhos do Povo? Que importa, pois, morrer quando se tem em vista legar aos filhos um nome sem mancha?

Pela passagem de mais um aniversário da proclamação da República, lembramos aos republicanos o exemplo dos lutadores pelo ideal republicano, pedindo para que se unam em volta da nossa bandeira, não acamaradando com ladravazes, plutocratas, inimigos do Povo.

Saudamos a família republicana com um — Salvé República de 1910!

riariam ser proprietários de tal mercearia... Perceberam? Eis, pois, a razão de não fazermos caso de certas trombetas. Somos homens de princípios republicanos; por isso não podemos fazer propaganda diferente daquela que deu motivo á saída da *Alma Popular*, em 5 de Outubro de 1918. Nunca desonramos a bandeira libertadora da nossa Pátria e que hoje, 5 de Outubro, o sol doira, faz brilhar as suas cores — verde-rubro, drapejando em muitos edificios, flutuando á frente dos regimentos, sinal de que a Republica vive e viverá, para honra e glória deste velho Portugal!

Ao entrarmos em novo ano de publicidade, saudamos com carinho e simpatia os nossos amigos, assinantes, colaboradores, anunciantes e colegas. Sobre as campas daqueles nossos assinantes, correigionários e amigos que nunca nos abandonaram até á morte, desfolhamos, no dia de hoje, as flores da nossa eterna saúde.

Pela Pátria! Pela Republica! Salvé 1918-1933!

Tito.

Dr. Costa Ferreira

Tem passado incomodado de saúde, pelo que se encontra retido em casa, este nosso bom amigo, distinto clínico nesta vila, por cujas melhoras fazemos ardentes votos.

Funcionalismo público

Pela Comissão Administrativa da Câmara Municipal deste concelho, da presidência do sr. António de França Martins, foi officiado ao aferidor de pêsos e medidas deste concelho, sr. Joaquim Ferreira de Carvalho, que há 23 anos exerce, com muito zelo e competência, estas funções com as de tesoureiro da Fazenda Municipal, a convidar este funcionário a optar por um dos referidos lugares, no prazo de dez dias, por julgar incompatível esta acumulação.



VIVA A LIBERDADE!
VIVA A REPUBLICA!

«A Nação é de todos, mas o Estado é nosso. O Estado é a origem de toda a autoridade. Chamando os monárquicos a colaborar na direcção dos negócios do Estado, a República dividiu a sua autoridade com eles. As consequências deste erro foram incalculáveis, porquanto a autoridade do Estado é a única força: quando ela lhe foge, tudo ameaça subverter-se».

JOÃO CHAGAS.

FAZ hoje, dia 5 do corrente, 23 anos que em Portugal caiu, para sempre, a Monarquia.

A nossa História tem páginas da maior grandeza e glória, mas nem sempre os reis souberam honrar as tradições de alguns dos seus antepassados mais ilustres.

Houve heróis, houve cobardes e até degenerados.

Nos últimos anos da Monarquia, D. Carlos, que era considerado um dos monarcas mais cultos da Europa, se não o mais culto da sua época, e a quem não se pode negar o seu espirito liberal, deixara-se arrastar na corrente das paixões e ódios dos políticos que o rodeavam, abalando profundamente o prestígio do seu poder real.

Como o naufrago que procura agarrar-se á tábua de salvação, D. Carlos, pretendendo neutralizar a acção nefasta dos monárquicos que se degladiavam e a propaganda intensa e convincente dos caudilhos da Democracia, chamou em seu auxilio João Franco — o estadista de incontestavel envergadura moral e intelectual.

Para evitar a derrocada imminente, julgou, imprudentemente, aquele estadista, necessário recorrer ao regime ditatorial.

A propaganda republicana já então havia radicado no animo do povo o anseio pela Liberdade. Coartar-lhe essa aspiração equivaleria a fazer explodir a revolta que há muito era o germe do seu desassocêgo espiritual.

Morto D. Carlos, pode dizer-se que a Monarquia desapareceu em Portugal. O reinado de D. Manuel foi um parêntesis aberto na propaganda republicana pelos seus caudilhos que, condoídos pela desgraça que o havia ferido, quizeram pôr tréguas, momentâneas, na sua já então vitoriosa campanha contra o regime monárquico, porque bem podia ser que com a entronização do rei-adolescente a política viesse a seguir outro rumo.

Assim parecia succeder. D. Manuel desejou — segundo se afirma — dar ao seu reinado uma directriz acentuadamente liberal, mas os políticos que o rodeavam, por uma insofrida ambição de mando e desmedido rancôr para com os republicanos, comprometiam cada vez mais o regime.

A revolução, em presença do desenrolar dos acontecimentos políticos, já agora era inevitavel.

Perante a infelicidade de um rei ocasional estava a liberdade e a felicidade de um povo em jôgo.

Miguel Bombarda, o grande caudilho da Democracia e paladino da Liberdade, havia sido a vítima imolada à fúria de um doído sectário. Tanto bastou para que os acontecimentos revolucionários se precipitassem.

Na madrugada do dia 4 de Outubro de 1910 soaram os pri-

A PORTUGUÊSA

(LETRA)

Heróis do mar, nobre povo,
Nação valente, imortal,
Levantai hoje de novo
O esplendor de Portugal!
Entre as brumas da memória,
Oh Pátria, sente-se a voz
Dos teus egrégios avós,
Que há de guiar-te à vitória!

A's armas! às armas!
Sobre a terra, sobre o mar.
A's armas! às armas!
Pela Pátria lutar,
Contra os canhões marchar, marchar.

Desfralda a invicta bandeira
A' luz viva do teu céu!
Brade a Europa à terra inteira:
Portugal não pereceu!
Beija o solo teu jucundo
O oceano a rugir d'amor;
E o teu braço vencedor
Deu mundos novos ao mundo!

A's armas, etc.

Saudai o sol que desponta
Sobre um ridente porvir;
Seja o eco d'uma afronta
O sinal do ressurgir.
Raios dessa aurora forte
São como beijos de mãe,
Que nos guardam, nos sustêm,
Contra as injúrias da sorte.

A's armas, etc.

meiros tiros da revolução e logo se verificou que os áulicos e marchais monárquicos abandonavam os seus postos, deixando D. Manuel entregue à sua sorte! Nem junto do rei nem nas barricadas os monárquicos, que tanto haviam contribuído para o descrédito do regime, apareceram a defender o seu ideal...

Só assim se compreende que um punhado de soldados, de mistura com algumas dezenas de civis, tornassem possível a vitória contra o regime secular. A Monarquia caiu mais pela cobardia dos seus sequazes que propriamente pela impossibilidade de sufocar o resumido número dos revoltosos.

* * *

Ao recordarmos tão gloriosa data, como combatente que fomos nessa heroica arrancada em prol da Liberdade, prestamos sentida homenagem a todos aqueles que caíram no campo da luta — filhos do mesmo povo, — assim como enviamos o nosso fraternal conforto moral a todos aqueles que têm sofrido e sofrem abnegadamente pelo ideal que forma a encarnação espiritual da sua maior aspiração: — Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

* * *

Outro aniversário passa, na gloriosa data de 5 de Outubro, que nos merece especial referência.

A «Alma Popular», cujo sugestivo título só por si corresponde e elucida a ideia que orientou a sua publicação, completa naquele dia de inolvidável memória o 15.º ano da sua existência.

Atirada para a luz da publicidade pelos seus fundadores e Directores — Dr. Manuel dos Santos Pato e Tiago A. Ribeiro, a «Alma Popular» apareceu numa época de terrível incerteza

para os destinos da nossa República.

Vivia-se, então, sob o terror do Decebrismo, que havia criado uma República Nova... A imprensa republicana, amordaçada por uma censura feroz, oferecia o aspecto desolador das grandes clareiras... afirmando a passagem devastadora do odioso lápis que fazia feneceir a vigorosa expansão da ideologia e defesa dos princípios.

Mas, nem por isso, aqueles dois apóstolos da Democracia, cheios de fé nos destinos da República, hesitaram em se lançar na aventurada empresa de contribuir com o seu esforço em prol da sagrada Causa.

Cheios de esperança e fanatizante fé num porvir melhor, souberam eles atravessar intrépida e esse período agudo, sem desfalecimentos nem tibezas!

¿Mas quem há que possa ignorar quão custosa, e por vezes desesperada, é a existência de um jornal de província?

¿Sustentar princípios, doutrina e uma orientação, como um sacerdócio, se é empresa admirável e digna de respeito, não menos dignas de culto se tornam as dificuldades de mil e uma natureza, onde por vezes avulta a financeira, para que só uma perseverança e grande amor aos princípios consigam remover todos os contratempos!

Por isso, saudando sem incitar — porque seria uma ofensa — os Directores da «Alma Popular» pelo 15.º aniversário da publicação deste valoroso baluarte da Democracia, nós, como o seu mais humilde colaborador, mas como soldado da mesma Causa, desejamos expressar o nosso sincero e votivo desejo por uma longa e próspera existência, a bem da República.

Napoleão Pereira Soares.

Escolas da Palhaça

Tendo no seu programa a defesa dos interesses e consequentemente o progresso do nosso concelho, este jornal não podia deixar de manifestar o seu aplauso à obra de relevo que acaba de ser inaugurada na freguesia da Palhaça.

Referimo-nos ao esplêndido Edifício Escolar que honra tanto o Povo, a expensas de quem foi construído, como, em especial, a entidade que o concebeu e levou a cabo, sendo justo salientar o nome do digno presidente da Comissão Administrativa da Junta de Freguesia da Palhaça, sr. Alvaro Marques.

O dia escolhido para a inauguração fora o passado domingo que, de manhã, se apresentou carrancudo e por vezes chuvoso, dando-nos, porém, como que associando-se à festa, uma tarde de sol acariciador.

Pelas 15 horas, ao som da Portuguesa, executada pela Banda de Música do Troviscal, foi hasteado no novo edifício o Pavilhão Nacional — linda bandeira, de grandes dimensões, oferecida pelo sr. Manuel Simões Fabiano Júnior.

Pouco depois chegavam o sr. Governador Civil, Inspector e Sub-inspector Escolar, Engenheiro das Escolas e numerosos convidados.

No Largo da Feira organiza-se então um cortejo, em que tomam parte as crianças, o professorado, etc., dirigindo-se, acompanhado pela referida Banda de Música, para o Edifício que ia ser inaugurado. A entrada, depois de se proceder ao corte das fitas de cores nacionais, um grupo de gentis senhoras, vestidas à moda do Minho, lançava flores, muitas flores, sobre o cortejo. A seguir, num dos espaçosos salões, artisticamente engalanado, realizou-se uma sessão solene. Presidiu o Chefe do Distrito, secretário pelo Comandante Militar, Inspector Escolar e presidentes da Câmara Municipal e da Junta de Freguesia da Palhaça.

Fazendo a apologia da Instrução Primária, exaltando a grandiosidade do melhoramento e tecendo justos louvores ao sr. Alvaro Marques, usaram da palavra os srs.: dr. França Martins; o inspector escolar, Raul Martins Leite; Arnaldo Ribeiro, director da Democrata; dr. António de Oliveira; a professora D. Aida de Aguiar; o sub-inspector, Maia Romão; o académico José de Carvalho; e major Gaspar Ferreira, Governador Civil.

Terminado este acto solene, cerca de 50 convidados dirigiram-se para um outro salão, onde foi servido um delicioso «Porto de Honra».

Eram 17 horas quando retiraram as entidades oficiais; mas a numerosa assistência permaneceu no local, durante o resto da tarde, apreciando o concerto da Banda do Troviscal, e prolongando as manifestações de regosio até à madrugada do dia seguinte, com a presença do *Luifer-Jazz* da Mamarrosa e dos *Casacas Vermelhas*, da Pocariça.

Na pessoa do sr. Alvaro Marques, a «Alma Popular» felicita o povo da freguesia da Palhaça por tão importante melhoramento.

Pela imprensa

"MARTE,"

Por motivo estranho à sua vontade, suspendeu a publicação este nosso estimado colega, defensor dos profissionais do Exército de Terra e Mar. Que reapareça breve, são os nossos desejos.

Récitas de amadores

Tiveram lugar nos dias 30 e 1 p. p. as anunciadas récitas do «Grupo Dramático Oliveirense», cujo desempenho achámos muito regular, por parte de todos os elementos, destacando-se Manuel Henriques, que pode considerar-se um artista, pois sabe bem pisar o palco. Agradaram, sendo muito aplaudidos e bisados alguns números.

— Nos dias 7 e 8 do corrente realizam-se nesta vila mais duas importantes récitas, levadas a efeito por um grupo de amadores, que se intitula «Os Amigos da Terra», em benefício do Sport Club Oliveirense.

O programa, bem escolhido, foi já distribuído profusamente.

Dado o interesse que estas récitas estão despertando e o fim simpático a que se destina a receita, são de prever duas casas à cunha.

Assim o desejamos.

Viva a República!

HÁ vinte e tres anos que este grito correu veloz, de norte a sul do País, soltado por aqueles que sentiam dentro do peito o ideal vivificante e cioso de Liberdade.

Hoje como ontem! O character, visto através do barómetro da consciência, diz-nos que, salvo raríssimas excepções, desceu abaixo de zero. Não há character; não há honra; não há dignidade!

Os sentimentos mais generosos e nobres, são traídos e vilipendiados a troco dum mesquinho interesse. Tudo se subjugou ao mais comensal interesse: desde a felicidade dum esposo, digna de tal nome, à honra dum filho a quem entregam ao primeiro cigano que lhe apareça ao dobrar dum esquina, em troca dum emprego público ou dum comenda que lhe dê uns magros patacos ou uma insignificante honraria, enchendo então a barriga com um republicanismo ilimitado, a ponto de se exteriorizarem com freqüentes vivas à República.

Por isso mesmo, no dia de hoje, é dever de todos os verdadeiros republicanos olhar para aqueles que vivam a República, na certeza de que vamos encontrar uns que o fazem por interesse, outros por indiferença, outros por comodismo, outros por hipocrisia e outros que, irmãos em crença, sofrendo mil contrariedades, nos gritam sempre com a mesma fé e sem desfalecimentos: — Viva a República!

E' para esses que, no dia de hoje, enviamos um abraço de solidariedade e, fazendo votos pelas prosperidades da Alma Popular e de todos esses mártires, unimos a nossa débil voz à deles, gritando com toda a energia:

Viva a República!
Viva a Liberdade!

Fermentelos, 5-10-1933.

João M. Pereira.

Assinar a «Alma Popular» é contribuir para a defesa da República e dos direitos a que tem jus o Povo.

5 DE OUTUBRO DE 1910-1933

Fuz hoje 23 anos que foi implantada a República em Portugal. Nesse dia radiante e belo de Outubro, em que triunfou o ideal republicano, foi derribado um trono e uma dinastia e dado o grito de liberdade aos que até então haviam vivido sob o jugo monárquico.

Essa data gloriosa, que hoje orgulhosamente comemoramos, marca a emancipação do povo português, que heroicamente soube libertar-se dum opressão cruel, e há-de marcar, futuramente, a sua redenção completa.

Depois dessa jornada triunfante, outras datas gloriosas teem sido registadas nas páginas da História da República Portuguesa. E, se consultarmos a mesma História que registou essas datas de Vitória, ela nos dirá o nome dos mártires e heróis que teem lutado e sofrido em prol da Liberdade; nos contará os actos sublimes praticados pelos democratas sinceros; e nos indicará o melhor caminho a seguir e os deveres a cumprir para defendermos a Pátria e a República!

A República Portuguesa, símbolo inviolável da nossa fé, tem sido por vezes perseguida e atraçada por leaders de seitas criminosas e até por governos inimigos da Democracia. Mas é notório e sabido que, sem Democracia, nenhum governo deixará de ser cruel, como nenhum povo deixará de ser escravo!...

A Democracia, base fundamental do progresso dum nacionalidade, é a unica segurança de paz e liberdade dum povo. Defendamos, portanto, a Democracia, defendendo a República!

Que o 5 de Outubro, dia fraternal da família republicana, que hoje se comemora, nos una mais ainda em redor do seio doce da Pátria e da verde rubra bandeira, alumando-nos e guiando-nos para o caminho do porvir.

Aos que teem lutado em defesa da República e que ainda vivem, aqui deixamos a expressão singela mas pura do nosso mais subido respeito; e, àqueles a quem a implacável morte ceifou a vida, espalhamos sobre as suas campas as pétulas orvalhadas da nossa saudade...

Viva a Pátria!
Viva a República!
Viva a Liberdade!

Bustos, 5 de Outubro de 1933.

Hilário Simões da Costa.

Carta DE AVEIRO

3 de Outubro de 1933

Les morts von vile. Sim, os mortos depressa esquecem, mas há na roletagem do anocertos dias em que por uma visagem ou superstição nós

volvemos o pensamento para os mortos, e invocamos o seu espírito na evocação do passado.

E' assim todos os anos, por este dia da redenção da Pátria. Prosternamo-nos ante os mortos da República e sublimamos a sua proclamação.

E não é só neste dia, aniversário da implantação da Republica em Portugal, que nós a lembramos. E' também a lembrança e a comemoração de mais um aniversário de vida deste quinquenário, que desde a primeira hora sempre tem pugnado pela Republica, como pela sua região.

Dêste meu cantinho de ignorado rabiscador de jornais, eu saúdo a «Alma Popular» na entrada do seu 16.º ano, como aclamo e saúdo o aniversário da Republica Portuguesa.

— Sentem-se já os primeiros frios do inverno que se avizinha. Após um largo período de estiagem, que não deixou que os milhos se criassem bem, nem permitiu sementeiras de hortaliças e herbas nos prados, as primeiras chuvas, caídas a medo, já permitiram algumas sementeiras de nabos e plantação de couves.

Não tarda, pois, que os agasalhos saíam das gavetas e guarda-fatos, onde passaram a estação calmosa, para os corpos que precisam de se resguardar das intempéries.

— Muito abundante este ano a feira de S. Miguel das cebolas e alhos, ali na alameda do Rossio, onde se venderam por preços relativamente baixos e ao alcance de todas as boas donas de casa. Parece que caíram ai os açambarcadores do género; mas, prevenidos de que não podiam comprar antes do dia 28, desistiram e o povo pôde abastecer-se à vontade.

(Correspondente).

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

O meu cantinho

OIS DA RIBEIRA, 29-9-1933

«Alma Popular»—Entra no dia 5 de Outubro em mais um ano de existência a nossa «Alma Popular», cujo aniversário coincide com o da implantação da República, a quem saudamos em conjunto. A «Alma Popular» tem inimigos irredutíveis, o que é uma honra, porque é sinal de ainda não se ter deixado corromper pelo turbilhão das concepções desonestas, agora muito em voga.

Felicitemos a «Alma Popular», na pessoa dos seus dignos Directores, felicitação que abrange o pessoal que trabalha lá na casa, colaboradores, assinantes e anunciantes.

Viva a República!

Rectificação—Fez bem o digno correspondente de Fermentelos em rectificar o que tinha escrito sobre o caso da Mota do lado de Ois. Se havia ou não autorização da Hidraulica, para se proceder aos serviços em questão, isso não nos interessa.

Quanto ao caso da sonogação-burla dos dezasseis mil escudos, em que se encontra em foco um mestre-escola e juiz de paz, não tratamos do caso por uma forma mais nitida, devido a motivos que o bom do amigo conhece e nós também.

O que no entanto podemos afirmar é que este mestre-escola pode muito bem enfileirar ao lado dos da «Norte de Portugal»

e dos da «Companhia Nacional de Navegação». E, se não nos alongamos mais a respeito de tal cavalheiro, é também para evitar que os políticos de Agueda sofram de alguma congestão cerebral.

Sobre o novo escoteiro, está salva a Pátria e... as batatas.

Notas pessoais—Esteve entre nós, com sua esposa D. Gabriela Limas Coelho e seu filho António, o nosso amigo, sr. João Garcia, empregado principal na Direcção Geral dos Correios, no Terreiro do Paço, Lisboa. Este nosso amigo fazia-se acompanhar de seus sogros, D. Carolina Limas Coelho e Domingos Francisco Coelho, de Aveiro.

Vindimas—Terminaram os trabalhos da vindima. Este ano a colheita foi abundantíssima e espera-se que o vinho seja de superior qualidade. O diabo é se não há exportação.

Doentes—Por intermédio do nosso amigo, sr. dr. António Pinto, vai brevemente dar entrada no hospital de Coimbra, aonde se vai sujeitar a uma operação uterina, a sr.ª D. Ilda Neves da Maia, a quem desejamos que tudo corra bem.

—Mal de um olho tem estado a esposa do nosso velho amigo, sr. João Bernardino dos Reis, a quem desejamos melhoras.

—Com uma infecção num pé tem estado a menina Alda, filha do professor e nosso amigo, sr. Joaquim Augusto T. da Silva e Cunha. A doente já se encontra melhor.

A garotada—Cá anda, como de costume, na apanha da azeitona pelas oliveiras alheias, calcando as terras a torto e a direito. Isto não vê o mandão-mór, porque também usa da mesma marmelada.

C.

DE LISBOA

2 de Outubro

Lisboa prepara-se para festejar mais um aniversário da Republica.

Embora a época que decorre não seja de molde a exteriorizar grandes entusiasmos e alegrias, a verdade é que da parte das entidades officiais, como da iniciativa particular, a comemoração do 5 de Outubro se vai fazer não só com manifestações cívicas, destacando-se a parada militar no dia 4 e a revista naval no dia 5, mas também, e especialmente, com actos de beneficência.

As agremiações republicanas, além das costumadas sessões solenes e cortejo cívico, anunciam também a distribuição de bodes aos pobres. Bem hajam!

Foi preso na Grécia, quando pretendia fugir à acção da policia, o autor do importante desfalque de 2 mil contos, cometido na Junta Geral do Distrito, Jorge Pinto Pacheco.

O governo português pediu a extradição do infiel funcionário.

O Banco de Portugal fez embarcar, com destino á Inglaterra, 681 barras de ouro, com o peso de 1.879 quilogramas, no valor, aproximadamente, de 310.000 libras.

Do Hospital Militar da Estrela evadiu-se o ex-capitão de infantaria, sr. Julio Cesar de Almeida, que, em Julho passado, foi detido no Porto por motivos políticos.

Lisboeta.

PRÉDIO A SORTEAR

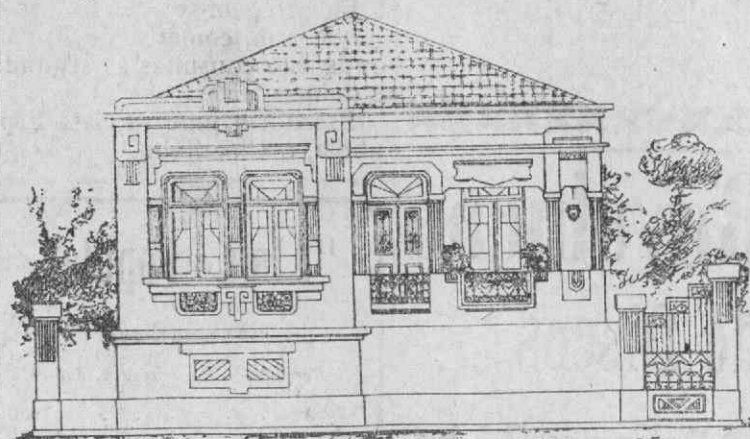
PELA

Companhia V. de S. Publica "Guilherme Gomes Fernandes,,

DE

AVEIRO

Em comemoração do seu 25.º aniversário



Projecto de José de Pinho

Seguro contra fogo, gratuitamente, durante tres anos, pela Companhia

"União dos Proprietários,,

CONSTRUÇÃO
NA RUA DO SEIXAL
ISENTO DE CONTRIBUIÇÃO
ATÉ 1940

SORTEIO PELA LOTARIA
DO NATAL DE 1933
UM MAGNÍFICO PRÉDIO
POR 6\$00

Bilhetes á venda na séde da Companhia, em Aveiro

LUTUOSA

No dia 19 do mês passado faleceu em Fermentelos, vitimada por doença que há muito a vinha torturando, a sr.ª D. Olívia Neves, dedicada esposa do nosso prezado amigo e assinante, sr. António Fernandes Neves.

O funeral da desditosa senhora, que era ainda relativamente nova, foi bem o testemunho de quanto era estimada.

Sentindo o infausto acontecimento, enviamos a toda a família enlutada, especialmente ao desolado viuvo e a seus filhos, srs. António e Alvaro Neves, a expressão do nosso pesar.

Faleceu há dias em Aveiro o sr. Francisco de Assis Marques Gomes, honestíssimo funcionário das Obras Públicas. Que descanse em paz tão bom cidadão.

Aos doridos, enviamos o nosso cartão de sentidas condolências.

Câmara Municipal do Concelho de Oliveira do Bairro

Anúncio

Estrada municipal de Oliveira do Bairro a Bustos (troço entre a Alagôa e Feiteira)

Faz-se público que no dia 18 de Outubro de 1933, pelas 14 horas, na Secretaria desta Câmara, perante a respectiva Comissão Administrativa, se procederá ao concurso público para a arrematação do fornecimento de 1.000^m3 de calcário rijo britado, colocado nas bermas do troço da estrada acima mencionada, nos pontos que forem indicados, sendo a base de licitação 28.000\$00 (vinte e oito mil escudos).

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Tesouraria desta mesma Câmara o depósito provisório de 500\$00 (quinhentos escudos), mediante guia passada na Secretaria desta referida Câmara, todos os dias úteis, das onze às dezasseis horas, até à vespera do concurso.

O programa do concurso, caderno de encargos, medições e orçamentos estão patentes todos os dias úteis, das onze às dezasseis horas, na Secretaria de esta Câmara.

Câmara Municipal do Concelho de Oliveira do Bairro, 20 de Setembro de 1933. E eu, Bernardo Alves de Seabra, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

O Presidente da Comissão Administrativa,

António de França Martins.

Comunicado

Manuel Augusto de Brito, casado, agricultor, da Feiteira, deste concelho, vem publicamente declarar que os insultos e aleivosias que há dias proferiu contra o seu vizinho, senhor João Domingues Martins, e que a dignidade deste senhor sentiu justamente ofensivas, não correspondem a qualquer verdade,

mas foram sómente consequência de insensatez e nervosismo.

Por isso, reconhecendo neste senhor as mais claras virtudes que fazem um homem honrado, de tudo lhe pede perdão.

Feiteira, 22 de Setembro de 1933.

Manuel Augusto de Brito.

"NACET,"

«NACET» é a lâmina de grande combate.

«NACET» é a lâmina fabricada na América e na Inglaterra, pela conhecida e afamada casa «Gillette», para combater todas as lâminas baratas.

«NACET» faz 30 barbas sem ser necessário afiar.

Um pacote de 10 lâminas «NACET» custa apenas a módica quantia de 6\$00.

Uma vende-se ao respeitável público pela insignificante quantia de \$60 na

CASA SOUTO RATOLA
AVEIRO

Tambem tem á venda lâminas das marcas: Gillette, Ben-Hur, Elipse, Tip-Top, Othello, Portuguesa, etc., etc., bem assim como navalhas de barba das mais conhecidas marcas, Essências, Agua de Colónia, Escovas dos dentes, Pulverizadores para senhora, Rouges e todos os artigos de beleza.

Canetas Conklin grande sortido e Monocolor, canetas com tinta e lapis para 45\$00, grande novidade. Isqueiros e pedras. Postais da Cidade, etc.

PREÇOS FIXOS

FORD

Agência Oficial no Distrito de Aveiro

SOUCASAUZ & PIMENTA

Oliveira de Azemeis

TELEFONE 65

Grande baixa de preços. O novo chassis longo «Fordson», pneus 32/6 à frente e atrás, Esc. 23.250\$00. Sempre modelos em exposição.

